

Dos estudios interculturais à prática da Comunicação Intercultural: uma revisão de literatura ilustrada a partir de produtos sociocomunicacionais*



Camila Escudero**
Adriana C. A. do Amaral***

Recibido: 2024-03-13 • Enviado a pares: 2024-03-19
Aprobado por pares: 2024-04-25 • Aceptado: 2024-05-15
<https://doi.org/10.22395/angr.v23n46a01>

Resumo

O objetivo deste trabalho é demonstrar de que maneira o conceito de Comunicação Intercultural (CIC) emergiu, a partir do conceito de interculturalidade como um campo de estudo para os processos migratórios. A justificativa dessa escolha se dá pelo enquadramento da CIC em um novo quadro epistemológico capaz de nos auxiliar na compreensão dos processos de deslocamento humano, sobretudo no nível das dinâmicas das identidades culturais envolvidas. Isso porque tem potencialidade para atuar na minimização dos impactos negativos da homogeneidade e/ou da segregação informacional dentro de processos globalizados e, quando apropriada pelas comunidades diaspóricas, dão visibilidade à mobilização cultural de seus membros. Para isso, fizemos uso de revisão de literatura do tipo "narrativa" ilustrada por meio de produtos sociocomunicacionais (escolhidos de modo aleatório entre teses acadêmicas, guias e documentos de políticas públicas, livros e produções cinematográficas), em uma abordagem qualitativa de caráter exploratório. Como principal resultado, destacamos que a CIC extrapola questões técnicas, científicas e sociais, potencializando uma transformação social com base nas interações e negociações das identidades culturais diferentes.

Palavras-chave: comunicação intercultural; identidade cultural; imigração.

-
- * O presente trabalho é resultado parcial da tese intitulada "A comunicação intercultural na reconstrução das identidades laborais das migrantes: história de vida das mulheres bolivianas em São Paulo", que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, com auxílio do CNPq (2021-2025).
- ** Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo e coordenadora geral do projeto "Brasileiros no exterior – Plataforma de dados sobre a emigração brasileira" (<https://www.brasileirosnoexterior.org>). E-mail: camilaescudero@uol.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9399-1207>
- *** Mestre em Comunicação e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, jornalista. E-mail: adrianacristinaalvesdoamaral@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0894-1934>

From intercultural studies to the practice of Intercultural Communication: A literature review illustrated from socio-communicational products

Abstract

The aim of this paper is to demonstrate how the concept of Intercultural Communication (CIC) has emerged from the concept of interculturality as a field of study for migratory processes. This choice is justified by the fact that CIC is part of a new epistemological framework capable of helping us to understand the processes of human displacement, especially in terms of the dynamics of the cultural identities involved. This is because it has the potential to act in minimizing the negative impacts of homogeneity and/or informational segregation within globalized processes and, when appropriated by diasporic communities, give visibility to the cultural mobilization of its members. To do this, we used a "narrative" literature review illustrated by socio-communicational products (chosen randomly from academic theses, public policy guides and documents, books, and film productions), in a qualitative exploratory approach. As the main result, we highlight that CIC goes beyond technical, scientific, and social issues, enhancing social transformation based on the interactions and negotiations of different cultural identities.

Keywords: intercultural communication; cultural identity; immigration.

De los estudios interculturales a la práctica de la Comunicación Intercultural: una revisión de la literatura ilustrada a partir de productos sociocomunicacionales

Resumen

El objetivo de este trabajo es demostrar de qué manera surgió el concepto de Comunicación Intercultural (CIC) a partir del concepto de interculturalidad como campo de estudio de los procesos migratorios. La justificación de esta elección está dada por el encuadre de la CIC en un nuevo marco epistemológico capaz de ayudarnos a comprender los procesos de desplazamiento humano, especialmente en términos de la dinámica de las identidades culturales involucradas. Esto se debe a que tiene el potencial de actuar para minimizar los impactos negativos de la homogeneidad y/o la segregación informativa dentro de los procesos globalizados y, cuando es apropiado por las comunidades de la diáspora, dan visibilidad a la movilización cultural de sus miembros. Para ello, se utilizó una revisión de literatura de tipo "narrativa" ilustrada a través de productos sociocomunicacionales (elegidos aleatoriamente entre tesis académicas, guías y documentos de políticas públicas, libros y producciones cinematográficas), en un enfoque cualitativo de carácter exploratorio. Como principal resultado, destacamos que la CIC va más allá de las cuestiones técnicas, científicas y sociales, potenciando la transformación social basadas en las interacciones y negociaciones de diferentes identidades culturales.

Palabras-clave: comunicación intercultural; identidad cultural. inmigración.

Introdução

Ao longo deste artigo, abordamos como o conceito de Comunicação Intercultural (CIC) vem se desenvolvendo, especialmente no Brasil, a partir do conceito de interculturalidade aplicado aos estudos migratórios. Partimos da ideia — amplamente divulgada por ElHajji (2005, 2023a, 2023b), Cogo (2015, 2017, 2023) e Brignol (2018) — de que a CIC compõe um novo quadro epistemológico capaz de nos auxiliar na compreensão dos processos de deslocamento humano, sobretudo no nível das dinâmicas das identidades culturais envolvidas. Isso porque tem potencialidade para atuar na minimização dos impactos negativos da homogeneidade e/ou da segregação informacional dentro de um quadro geopolítico globalizado do planeta e, quando apropriada pelas comunidades diaspóricas, dão visibilidade à mobilização cultural de seus membros.

Sabe-se que os estudos migratórios tiveram enorme avanço desde 1895, marco inicial dos deslocamentos como objeto de estudo, com Ernst Georg Ravenstein, que sistematizou uma série de questões sobre os comportamentos registrados nos fluxos migratórios a partir da observação empírica dos fluxos migratórios ingleses daquele momento e dos dados do censo inglês de 1881 (Durand & Lussi, 2015, p. 62). A partir do desenvolvimento, especialmente do campo da demografia e da economia, das influências da Escola de Chicago e dos Estudos Culturais, principalmente, os estudos migratórios foram assumindo um caráter cada vez mais interdisciplinar, a ponto de Sayad (1998) classificar a migração como um "fato social completo"¹.

A perspectiva transnacional (Vertovec, 2009) e os estudos sobre campo social e simbólico de Bourdieu (1983, 1989), que passaram a ser adotados a partir dos anos 1990, também contribuíram para abordagens que envolvem países de origem, de destino, de trânsito, e, mais recentemente, para os níveis físico ou virtual e/ou mediado serem considerados. A CIC emerge, dessa maneira, como um campo de estudo para os processos migratórios através da prática comunicacional e das mediações culturais e vinculativas aplicadas a diferentes situações, espaços e tempos socioculturais, buscando a compreensão da diversidade e dos protocolos envolvidos.

Assim, o presente artigo tem como problema de pesquisa a seguinte questão: como se dá a configuração conceitual da CIC e sua aplicação prática em produtos sociocomunicacionais? Com uma abordagem qualitativa e de caráter exploratório, partimos de uma revisão de literatura do tipo "narrativa" (Rother, 2007) do conceito de interculturalidade aplicado aos estudos migratórios envolvidos com produtos

1 Segundo Sayad (1998, p. 15), a imigração é um fato social completo porque "todo itinerário do imigrante se dá, de certa forma, em um 'itinerário epistemológico', ou seja, no cruzamento de todos os campos das Ciências Humanas e Sociais, como um ponto de encontro de inúmeras disciplinas – História, Geografia, Demografia, Economia, Direito, Sociologia, Psicologia, Antropologia, Linguística etc."

sociocomunicacionais — representados aqui por teses acadêmicas, guias e documentos de políticas públicas, livros e produções cinematográficas.

O presente texto está dividido em duas partes, além desta introdução e das considerações finais. A primeira parte propõe um percurso teórico-metodológico para os conceitos e questões aqui trabalhados. A segunda apresenta a CIC de uma forma prática e pontual, relacionando-a com produtos sociocomunicacionais, e serve como espaço de discussão das ideias expostas.

1. Percurso teórico-metodológico: proposta de um caminho para se pensar a CIC

Apesar de a inserção dos estudos interculturais e migratórios aplicados na Comunicação Social ser relativamente recente (ElHajji & Escudero, 2017), a interculturalidade há tempos permeia diferentes áreas do conhecimento de forma interdisciplinar (Canclini, 2009). Assim, parte-se neste item de uma revisão de literatura do tipo “narrativa” com o objetivo inicial de demonstrar como o conceito de interculturalidade ganhou forma com o fenômeno da globalização, apesar de ser praticado e compartilhado de maneiras distintas decorrentes da história da civilização humana e se completar nas manifestações culturais que “brotam de seus cruzamentos e das margens” (Canclini, 2009, p. 283).

Entende-se por revisão narrativa o processo de busca, análise e descrição de um corpo do conhecimento voltado para um objetivo específico que permite estabelecer relações com produções anteriores, identificando temáticas recorrentes, apontando novas perspectivas e consolidando uma área de conhecimento. Nas palavras de Rother (2007, p. 117):

Os artigos de revisão narrativa são publicações [...] apropriadas para descrever e discutir o desenvolvimento ou o “estado da arte” de um determinado assunto, sob ponto de vista teórico ou contextual. [...] Constituem, basicamente, de análise da literatura publicada em livros, artigos de revista impressas e/ou eletrônicas na interpretação e análise crítica pessoal do autor. [...] Têm um papel fundamental para a educação continuada pois, permitem ao leitor adquirir e atualizar o conhecimento sobre uma temática específica em curto espaço de tempo.

No caso deste trabalho, a revisão de literatura foi feita a partir das seguintes etapas pós-formulação da pergunta da pesquisa: 1) localização da bibliografia sobre interculturalidade, estudos migratórios e processos sociocomunicacionais; 2) avaliação crítica das leituras; 3) coleta de informações em teses acadêmicas, guias e documentos de políticas públicas, livros e produções cinematográficas; 4) análise e apresentação dos resultados.

De acordo com Canclini (2009), as trocas culturais sempre ocorreram, na medida em que há contato entre culturas. Elas ganharam uma amplitude e velocidade na contemporaneidade — conforme incrementam as viagens e os fluxos migratórios, avança a indústria audiovisual e de transportes, entre outros fatores. Porém, a Interculturalidade não se refere *a apenas isso*, mas abarca outras relações entre as culturas, incluindo os intercâmbios conflitivos. Em outras palavras: sugere a desconstrução e a construção de práticas e sentidos, em uma relação conflituosa e de constante negociação.

Walsh (2012) destaca a condição da interculturalidade envolvida, e que é um conceito que pode ser entendido como um projeto, proposta e estratégia, tanto nos âmbitos científico, político ou interpessoal. “É dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condição de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade” (Walsh, 2012, p. 10). Nesse sentido, a autora se aproxima de outro conceito, o de decolonialidade, que ela classifica como um “caminho de luta contínua em que podemos identificar, visibilizar e incentivar ‘lugares’ de exterioridade e construções alternativas” (Walsh, 2012, p. 15). No contexto migratório, tal interculturalidade envolveria “uma nova atenção à diversidade étnico-cultural, não só por parte dos reconhecimentos jurídicos e da necessidade de promover relações positivas entre grupos distintos, mas de reconhecimentos socioculturais, políticos, econômicos, entre outros.

Weissmann (2018) chama a atenção para o desafio da interculturalidade por conta do entrelaçamento de todas essas condições apontadas por Walsh.

Privilegiamos o conceito de interculturalidade, já que apresenta as culturas em conflito e em diálogo, ao mesmo tempo, não tentando obstruir as diferenças e sim fazer com que elas conversem e se entrelacem. [...] A interculturalidade também permite ampliar horizontes, dando lugar às diferenças e apontando ao enriquecimento e mudança contínua. (Weissmann, 2018, p. 27-28)

Já Maffesoli (2005, p. 25) compreende que “uma perspectiva intercultural proporciona vantagens epistemológicas e de equilíbrio descritivo e interpretativo, leva a conceber as políticas da diferença não só como necessidade de resistir”. Segundo o autor, a emoção aflora o coletivo, o comum ou até mesmo corriqueiro ou ideal em nós nos aproxima, quando “o laço social deixa de ser então simplesmente racional para se tornar um laço emocional” (Maffesoli, 2015). Na era pós-moderna, poderíamos entender que os processos migratórios também geram um movimento tribal, no qual as emoções partilhadas, consciente ou inconscientemente, acabam por aproximar pessoas em grupos, coletivos ou, como prefere o autor, tribos que corroboram para práticas culturais a partir do que ele chama de “práticas minúsculas”, ou como preferimos, corriqueiras. É quando a identificação (movimento de pertença) substitui a identidade (emoção individual). O que, para nós, gera comunicação, já que

"o laço social é cada vez mais dominado pelos afetos, constituído por um estranho e vigoroso sentimento de pertença" (Maffesoli, 2005, p. 8).

Com Bhabha (1998), lembramos que o papel da fronteira deveria ser um local de encontros e descobertas, o que, de certa forma, vale também para a construção do conhecimento. São lugares de negociação, inclusive dos "limites epistemológicos", ainda como nos lembra Sayad (1998), com seu conceito de "itinerário epistemológico"². Segundo Bhabha (1998), é a partir das trocas culturais que a convivência se torna possível ou até mesmo o engajamento nas diversas lutas de grupos identificados como minoritários que acabam por possibilitar a elaboração de novos sentidos e até mesmo ressignificações identitárias.

"Negar ou negociar?", pergunta Bhabha (1998). Pelo argumento do autor, "a enunciação da diferença cultural problematiza a divisão binária de passado e presente, tradição e modernidade, no nível da representação cultural e de sua interpelação legítima" (Bhabha, 1998, p. 64). Acreditamos que essa reflexão é correlata à leitura de Maffesoli ao pontuar o espaço de convergência do "entre-lugares" e as experiências coletivas. Espaços que podem gerar repulsa ou identificação e, sobretudo, negociação. "Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos" (Bhabha, 1998, p. 17), mas geram transformações culturais.

Dessa maneira, verifica-se que no campo dos estudos migratórios, o conceito ganha força a partir das identidades culturais envolvidas em situações de deslocamento, fronteiras, diáspora etc. E, por identidade, adotamos aqui as ideias de Hall (2003), que diz que para compreendermos como a identidade funciona, precisamos conceituá-la em suas diferentes dimensões. Segundo o autor, com frequência, a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável. Outras vezes, essas reivindicações estão baseadas na natureza, especialmente no caso dos estudos migratórios (origens, etnia, raça, relação de parentesco).

[...] as configurações sincretizadas da identidade cultural requerem a noção derridiana de *différance* — uma diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separaram finalmente, mas são também *places de passage*, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim. A diferença, sabemos, é essencial ao significado, e o significado é crucial à cultura. (Hall, 2003, p. 33).

Assim, ao estudarmos a interculturalidade com foco nos estudos migratórios, os *processos de comunicação* entre as diferentes culturas que se encontram como resultado do deslocamento humano passam a saltar os olhos. Nas palavras de ElHajji (2005, p. 10),

2 Ver nota de rodapé 4.

a comunicação "constitui o substrato fundacional original de todo ato existencial. Do (inter) subjetivo e (inter) cultural, passando pelo social, econômico ou político, não há ação humana ou modalidade de ser-no mundo que possa tomar forma e sentido fora das estruturas comunicacionais".

A partir da perspectiva intercultural, os estudos migratórios passam a revelar estruturas não-fixas de indivíduos e grupos em situação de deslocamento em territórios receptores, originários de diferentes tipos de sociedades (rural ou urbana, agrária ou industrial, central ou periférica etc.) com distintas tradições (hábitos, costumes), religiões e instituições políticas. Essas pessoas, frequentemente, falam outros idiomas e seguem diferentes práticas culturais e religiosas. Fisicamente, elas são diferentes, também, tanto na cor da pele, tipo de cabelo, estatura, traços do rosto etc., como no modo de se vestir, andar e se expressar. Algumas delas ficam concentradas e associadas a certos tipos de trabalho (geralmente de baixo status social) e vivem vidas segregadas em áreas residenciais afastadas ou restritas. Parte dessas estruturas, bem como a comunicação entre elas, é responsável pela geração de conflitos capazes de serem negociados ou não, mas acima de tudo, pela construção da diversidade e identidade cultural do planeta ou pela reconfiguração do conjunto de paisagens socioculturais da nossa época. (Escudero, 2017, p. 74)

Dessa forma, a leitura de Martín-Barbero (1991) é essencial para compreendermos como a comunicação intercultural, sobretudo no contexto da América Latina, é feita de ruptura e ressignificação. Uma construção que parte das vivências individual e coletiva e que desafia à comunicação antihegemônica, logo à CIC. "O que chega nunca se anima a ser de todo presente sem antes ensaiar e esse ensaio é a esperança" (Martín-Barbero, 1991, p. 12). Entendemos com o autor que "assim como os fluxos de migrantes causam desordens sociais e políticas na cidade, os fluxos de informação e imagens, as línguas e os escritos virtuais introduzem o caos na cidade letrada, uma vez que também perturbam autoridades e hierarquias (Martín-Barbero, 1991, p. 21). Assim, o hiato entre o estímulo e a resposta é cheio de significados.

Outra contribuição vem de Sodré (2014), com sua proposta de "comunicação como vínculo", que sugere a compreensão de "processos sociais de significação" a partir da troca informacional. "As coisas, as diferenças aproximam-se como entidades comunicantes porque se encadeiam no vínculo originário [...] mas a comunicação é a dimensão simbólica, condição de possibilidade das trocas vitais [...]". (Sodré, 2014, p. 11-12)

Segundo o autor (Sodré, 2014, p. 42), o

comum induz universalmente ao diálogo e à ação, que são momentos estruturais, espontâneos e necessários da "arte" humana e diversa de comunicar-se, isto é, de realizar a linguagem, pondo em comum as diferenças e abrindo-se para a transcendência — a ação recíproca entre o particular e

um fundamento externo, capaz de legitimar em termos universais o grupo humano específico. Nesse espaço concreto do comum, é possível pensar em micro desdobramentos da esfera pública, a exemplo de organizações não governamentais, associações de bairro, grupos de produção simbólica etc.

Isso requer um olhar sobre interações sociais que a Comunicação, entendida como mediações, e estabelecadora de vínculos socioculturais pode nos proporcionar. Sabe-se que as trocas cotidianas entre pessoas migrantes e oriundas de determinado lugar, seja ele o local de trabalho ou não (o local de moradia, o bairro, a cidade etc.) têm impacto em processos de vinculação afetiva e de organização simbólica que acaba por gerar experiências de vida capazes de impactar nas questões de ordem identitária. Nesse sentido, concordamos com Sodré (2014, p. 154) quando argumenta que dialogar é muito mais do que trocar palavras, mas gerar o rompimento de dimensões. Também, que “toda comunicação implica um vínculo estrutural e originário”.

A ordem do coração, a imanência despercebida, a tonalidade afetiva e o laço invisível são expressões diferentes para a referência comum à coesão comunitária. Para inscrevê-las na sociabilidade moderna, a palavra “vinculação” afigura-se mais adequada do que “relação”, porque conota semanticamente uma obrigatoriedade ou uma força compulsiva, que não se revela na consciência do sujeito como uma deliberação visível. É a força de onde não raro provém as atitudes tomadas no interior das relações intersuggestivas sem o recurso prévio a uma reflexão mais demorada. A atitude — definida como mero ato reflexo de uma vinculação afetiva que se desconhece conceitualmente — precede a representação. (Sodré, 2014, p. 151)

Por fim, trazemos Alsina (2004) para destacar que os caminhos que permeiam a CIC são as identidades culturais, o pensamento científico e o olhar, uma vez que, segundo o autor, o olhar intercultural é voltado para o outro, para o diferente e o dissidente, afinal, “se não existissem os outros não haveria comunicação” (Alsina, 2004, p. 64). A CIC, então, se faz com e pelo outro. Contudo, ela exige: 1) a isenção e o comprometimento científico, norteados pelo “sentido e capacidade de questionar as realidades sociais e culturais aparentemente consolidadas” (Alsina, 2004, p. 54), mas que se conectam e modificam entre si, e 2) a percepção de que a “unidade identitária é uma ilusão”, por ser uma “construção cultural” a ser realizada por “comparação e diferenciação”, além das aberturas oriundas ao estabelecimento de vínculos. Ousamos, assim, afirmar que a CIC é uma prática que extrapola a técnica, a ciência e o social, corroborando para a transformação social. Ao mesmo tempo, é uma plataforma de identificação e marcos identitários e reivindicação (ElHajji, 2005).

Traduzida por Touraine (1998) como encontro entre culturas, parentesco das experiências culturais e reordenamento do mundo, a comunicação intercultural [...] precisa ser assumida e gerida nos limites e nas possibilidades que implica

para os sujeitos que conformam esses contextos a difícil tarefa de combinação de ação instrumental e identidade cultural. (Cogo, 2015, p. 114)

2. A CIC materializada em produtos sociocomunicacionais

Reforçando tudo o que foi exposto no item anterior, recorremos a Asunción-Lande (1993), que resume a CIC como uma área de estudo dentro do amplo espectro da Comunicação Social que se debruça na busca do entendimento sobre a diversidade e tem potencial de promover a cooperação e a compreensão cultural, despertando a sensibilidade quanto às diferenças a partir das singularidades. Assim, propomos dar continuidade à revisão narrativa iniciada no item anterior, apresentando agora algumas formas de aplicação prática da CIC por meio de produtos sociocomunicacionais, materializados aqui em teses acadêmicas, guias e documentos de políticas públicas, livros e produções cinematográficas³.

Na área acadêmica da Comunicação Social enquanto campo do conhecimento, duas teses de doutorado⁴ ilustram como a CIC pode ser utilizada na busca pela compreensão das relações humanas interculturais em contextos migratórios. Souza (2023) pesquisou a referência da comida como troca comunicacional vinculada à territorialidade. Em sua tese, defendida na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), a autora se debruçou sobre as feiras de livre comércio onde migrantes se apropriam da herança e das práticas culturais a partir do alimento de origem étnica para se relacionar e sobreviver em seus novos locais de moradia. Segundo a autora, a refeição, mais do que um produto para saciar a necessidade fisiológica, alimenta a alma, os saberes, os relacionamentos e até mesmo a construção da cidadania. Ao longo do estudo, a CIC foi utilizada para demonstrar como as trocas interculturais acontecem a partir desse eixo-central, os pratos típicos, quando o migrante (no caso do estudo citado, os refugiados) “promove interações e socialidades” e configura-se um “elemento cultural e de comunicação e mediação”.

Na minha própria experiência exotópica, o papel de observadora participante que desempenho na feira Chega Junto, me propicia perceber e experienciar as diversas práticas sociais presentes (em especial as práticas relacionadas à gastronomia típica, bem como elementos da minha própria cultura, na pluralidade da Feira, entre imigrantes-refugiados, visitantes e organizadores, os diferentes universos simbólicos se encontram e atravessam, cruzando linhas imaginárias. Nas sociabilidades, interpreto olhares, sorrisos,

3 O critério de escolha desses produtos socioculturais foi buscar — na ampla e dispersa produção sobre a temática migratória — exemplos claros que pudessem ilustrar de forma específica de que maneira a CIC emerge como um campo de estudo para os processos migratórios através da prática comunicacional e das mediações culturais e vinculativas aplicadas a diferentes situações, espaços e tempos socioculturais, buscando a compreensão da diversidade e dos protocolos envolvidos.

4 Neste trabalho, focamos em duas teses específicas. Entretanto, registra-se a existência de vários trabalhos acadêmicos nessa linha, em especial: Gonçalves (2020); Nigri (2023); Oliveira (2024); Ravanello (2024).

silêncios e intenções. Ao mesmo tempo, sou traduzida e desnudada na minha (in)completude, intenções, encantamento e curiosidade. (Souza, 2023, p. 66).

O estudo *Autoapresentação, Performatividade e Testemunho na Internet: a webdiáspora deslocada para a visibilidade do self migrante* defendido em 2022 na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) por Otávio Cezarini Ávila também recorre a conceitos correlatos à nossa pesquisa e nos apresenta outros. O autor traz à luz a comunicação virtual/digital, que criou e cria novas formas de se expressar, ler, interagir e, de certa forma, atualiza a leitura de Martín-Barbero no que se refere aos meios, mediações e mensagens. Trata-se de uma tese que mostra um novo olhar para a CIC.

Para o autor, vivemos uma nova fase na interação “entre mídia e cultura”, que nomeou “um ecossistema midiático”. “Hoje seria mais plausível pensar nas ‘mediações comunicativas da cultura’ que conferem protagonismo ao comunicativo sem, contudo, creditarem sua ação somente aos meios de comunicação”. (Ávila, 2022, p. 27).

A interculturalidade, dentro desse espectro, é a relação que uma cultura tem com outra, enquanto a intraculturalidade é a relação estabelecida entre membros que partilham a mesma cultura. Mas como medimos essas diferenças e, mais ainda, como podemos dizer que uma pessoa pertence à mesma cultura quando a própria noção singular de cultura é transversalizada na pós-modernidade? (Ávila, 2022, p. 36)

Em ambos os estudos, entendemos que a CIC ajuda a romper barreiras físicas da transnacionalidade, reterritorializando, o que corrobora para o entendimento dos processos migratórios e das relações humanas decorrentes dessa diáspora global. A CIC

surge como um recurso simbólico — meio pelo qual damos sentido a práticas e relações sociais — para os estudos migratórios contemporâneos. O reconhecimento do “outro” possibilita que relações de contato e troca cultural se efetivem em grupos diferentes para que, justamente, esses possam se reelaborar, garantindo assim sua inserção em um mundo acelerado pela lógica da globalização (Escudero, 2017, p. 85).

Assim, os dois autores citados contribuíram para novos achados científicos e exemplificaram como a CIC tem sido importante na pesquisa acadêmica voltada aos estudos migratórios. Ainda, como os conceitos se completam e se estendem em novas aplicações, quando o pesquisador foca *corpus* e temáticas correlatas. Ávila nos sugere que, talvez, o desafio pela busca do entendimento desse universo étnico na pesquisa acadêmica em comunicação não se restringe às questões migratórias, pois “não cessa o movimento de encontro do pesquisador com o ‘nativo’, que é o migrante [...] mas o migrante que se desloca até o nativo, e o pesquisador, que faz seu movimento tradicional de encontro [...]”. Já Souza (2023) identifica a CIC na prática através

dos encontros e imbricamentos, onde não há espaço para resultantes e afetos totalizantes, já que “todos são um instigante devir”. Escudero sinaliza que a essência da condição do migrante é a transitoriedade e:

[...] apesar de transnacionalismo, etnia, comunidade diaspórica e interculturalismo compõem proposições teóricas ricas e muito difundidas nas Ciências Sociais, elas não devem ser interpretadas como resultados acabados. Pelo contrário, acreditamos que o essencial nessa discussão é o modo de pensar relacional e a forma de colocar questões e não determinar resultados particulares. (Escudero, 2017, p. 88)

O outro exemplo, talvez o mais representativo para a promoção da cidadania migrante — seja a partir da difusão comunicacional da CIC e possibilidades de gerar transformações coletivas e individuais promotoras de pertencimento, seja a partir da aplicação da CIC em iniciativas voltadas às políticas públicas que se tornaram importantes ferramentas (não, necessariamente, foco deste trabalho). Destacamos dois guias que consideramos indispensáveis para a compreensão de como o saber científico se populariza na prática: 1) *Guia de Comunicação Intercultural*, criado pela Organização Internacional para as Migrações (OIM); e 2) *Currículo das Cidades — Povos Migrantes* (orientações pedagógicas da cidade de São Paulo, Brasil).

Realizado em parceria entre a OIM, o Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP) e o Sustainable Resettlement & Complementary Pathways Initiative (CRISP), o *Guia de Comunicação Intercultural* (OIM, 2022), ao longo de 34 páginas, relata de forma simples e direta, facilitando a compreensão do migrante, dos prestadores de serviços públicos e da população em geral, de informações legais, de direitos e relacionamentos sobre a tríade “Migração, Comunicação e Diversidades”. Com base na Iniciativa de Reassentamento Sustentável e Vias Complementares, a CRISP tem como objetivo “subsidiar e apoiar capacitações e demais ações para o fortalecimento de serviços oferecidos a pessoas migrantes e refugiadas no Brasil” (OIM, 2022, p. 11).

Este material é um convite para pensarmos a relação entre migração, comunicação e diversidade cultural, em especial no Brasil, país caracterizado pela diversidade. Para isso, articulamos três perguntas centrais: o que é a comunicação intercultural? Por que ela é importante? Quais ferramentas ela nos fornece? (OIM, 2022, p. 9)

O documento é dividido em três partes: (i) Comunicação Intercultural — princípios, definições e competências; (ii) Desconstruir para Reconstruir — refletindo sobre discriminação, e (iii) Atividades para colocar a comunicação intercultural em prática. A cartilha também é uma ferramenta para treinamento de funcionários (públicos e/ou privados) no trato com migrantes e um material didático para orientação e reciclagem profissional. Uma obra que contempla teoria e prática, norteando condutas, com visão intercultural respaldada pela CIC.

Referência regional de São Paulo, o guia *Orientações Pedagógicas — Povos Migrantes* (SME-SP, 2023) publiciza as diretrizes do Currículo da Cidade no que diz respeito aos alunos imigrantes e suas famílias. Desenvolvido pela Secretaria Municipal de Educação em 2021, é direcionado aos educadores e rede de apoio das escolas municipais. Acreditamos tratar-se de uma publicação que extrapola a esfera local e recomendamos servir de parâmetro para as escolas públicas e privadas de todo o país.

São 156 páginas, organizadas em cinco capítulos: (i) Somos tantas, somos múltiplas: pessoas em movimento; (ii) Acolhimento e escuta nas unidades educacionais; (iii) Práticas pedagógicas: diversidade cultural na escola; (iv) "Um galo sozinho não tece uma manhã": rede de apoio e parcerias, e (v) Considerações finais: "até amanhã!". As referências e práticas estão baseadas na Política Municipal para a População Imigrante (Lei Municipal 16.478/2016), que orienta sobre a prática da Educação Integral, Equidade e Educação Inclusiva. Trata-se de uma publicação sinérgica à Agenda 2030, da Organização das Nações Unidas (ONU), através dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), em especial, o ODS 4 (assegurar a educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida de todos) e o ODS 10 (reduzir as desigualdades dentro dos países e entre eles).

A perspectiva que adotamos é a da garantia de direitos humanos a todas e todos, o que implica na mobilização pelo reconhecimento do direito ao movimento das pessoas pelo mundo, mas também a luta por condições de vida dignas que permitam que estas possam escolher se querem permanecer nos países em que nasceram, não sendo forçadas a se deslocar em busca de proteção em outras cidades, regiões ou Estados. (SME-SP, 2023, p. 27)

As fotografias que constam na publicação analisada foram registradas durante as atividades práticas nas escolas. E graças aos depoimentos de pais de estudantes imigrantes, -o documento, acreditamos, é um exemplo muito bem-sucedido de CIC. Ou seja, o conteúdo vai além da tradução dos termos técnicos, definições, nomenclaturas, vocabulários, conceitos, legislação etc., já que garante o lugar de fala dos protagonistas: migrantes e refugiados. Nesse sentido, recorreremos a Canclini (2009), quando o autor fala que a conexão e a desconexão com os outros são parte da nossa constituição como sujeitos individuais e coletivos. Trata-se de um universo diverso, desafiador e inspirador, e que, acima de tudo, pode ser transformador.

Já sobre as produções cinematográficas, gostaríamos de destacar, primeiramente, a série *Realidade não documentada*, produção de 2019 da Netflix⁵ que, ao longo de seis episódios, mostra a realidade de oito famílias que decidiram compartilhar os seus dramas diante da proximidade do repatriamento. Os testemunhos e a narrativa são uma tentativa

5 Mais informações em: <https://www.netflix.com/co/title/80209609#:~:text=Oito%20fam%C3%ADlias%20que%20vivem%20ilegalmente,Assista%20o%20quanto%20quiser.&text=Selena%20Gomez%20e%20os%20vencedores,os%20produtores%20executivos%20desta%20s%C3%A9rie> Acesso em: 12 dez. 2023.

de sensibilizar a opinião pública e política da situação de “cidadãos” que pagam impostos. A narrativa gira em torno a imigrantes em situação documental irregular — alguns deles por não conseguirem o asilo ou por terem se equivocado nas declarações, por não dominarem a língua inglesa ou desconhecaram a lei — e que estão inseridos na sociedade norte-americana. São pessoas que trabalham e têm famílias (inclusive cônjuges e/ou filhos nascidos no Estados Unidos). Apesar de ilegais, pagam impostos.

Tudo muda quando passam a ser tratados como pessoas perigosas para a sociedade local, a partir da vigência da Lei da Tolerância Zero (implementada pelo presidente Donald Trump, mas que pôs em prática a rigorosa política americana de imigração). Os imigrantes, de diferentes continentes, vivem o temor de serem parados numa blitz ou abordados pelos agentes da imigração. Sobretudo, o medo de terem as suas famílias divididas.

Na sequência, destacamos o filme *As Nadadoras*, também da Netflix, produção de 2022, baseada em fatos reais, que tem como protagonistas duas irmãs, refugiadas da Síria⁶. Nesse caso, relata a visão e as aventuras de adolescentes que emigram para fugirem da guerra, mas também para realizarem o sonho olímpico. A narrativa traz o dilema das travessias e da guerra, além de evidenciar uma realidade atual, quando a vida humana é julgada com olhos estrangeiros.

Por fim, *Minari* — *em Busca da Felicidade*⁷, produção de 2020, mostra o sonho de uma família coreana em busca do ideal de sucesso americano. A troca comunicacional intercultural se acirra com a chegada da avó. Uma família que contrasta com o biotipo, a cultura e os modos locais, e que enfrentou a emigração internacional e a migração local.

Percebe-se que quando se fala em fluxos migratórios, o cinema quase sempre prefere se basear em histórias reais para roteirizar os filmes, é claro, com certa liberdade criativa. Assim, verifica-se que, nas três obras abordadas aqui, questões de identidades culturais, de territorialidade, de globalização, de mobilidade, entre outras, afloram. Afirma-se, portanto, que são produções interculturais, registros históricos e, por que não, formas de CIC.

Com relação às obras literárias, trazemos exemplos de produtos sociocomunicacionais que, além de todos os pontos mencionados nos produtos anteriores, impactam com seus relatos a construção do imaginário social relacionado à migração. A primeira delas é o livro de ficção baseado na realidade *A menina que abraça o vento* — *a história de uma refugiada congolesa*, de autoria de Fernanda Paraguassu (2017), pesquisadora da área de migrações na Comunicação Social (UFRJ), e ilustrada por Suryara Bernardi. De forma lúdica, a obra mostra como as crianças são ao mesmo tempo iguais

6 Mais informações em: <https://www.netflix.com/br/title/81365134>. Acesso em 12 dez. 2023.

7 Mais informações em: <https://a24films.com/films/minari>. Acesso em: 12 dez. 2023.

e diferentes, desde o nome da personagem e os idiomas que ela fala — passando por aprender a dizer “*Kombo Na Ngai Mersene*” (eu me chamo Mersene), caprichando no sotaque — até os sentimentos.

Nota-se que a CIC se faz presente na construção da personagem: “suas tranças”, sua “fala diferente” e seu nome estrangeiro à narrativa, o relato sobre a viagem, o contexto econômico-político e os novos relacionamentos e as lembranças. A protagonista é uma criança refugiada no Brasil e que inventou uma brincadeira para aliviar a dor da saudade do pai, que ficou na República Democrática do Congo.

Já o livro *Pedaços de Vida — Un Viaje a la Memoria* trata de Celinda Fidelisa Fernández Aguilera, que sobreviveu à repressão chilena como uma das primeiras famílias refugiadas no Brasil⁸, recebida pela Cúria Metropolitana. Em São Paulo, encontrou um novo lar para sua família (marido e três filhos), viveu a dualidade de ser imigrante de longo prazo até a sua vida ser ceifada na pandemia da covid-19.

Na obra, a autora tenta responder às questões inerentes à população migrante e refugiada: “de onde sou?” e “como pensar, falar e escutar vinte e quatro horas por dia em um idioma que não é meu?”, e depois, sentir-se estranha no próprio país de origem. Uma leitura verdadeira e inspiradora. Prova de que decisões difíceis precisam ser tomadas em tempos de conflito diante de um universo ignorado a ser enfrentado: “*Si no hubiere salido de Chile y me quedara cerca de mi familia, como se habrían criado mis hijos en la pobreza moral y económica, sin la libertad*”⁹ (Aguilera, 2019, p. 93). Sem dúvida, trata-se de um relato intercultural, uma obra permeada pelos preceitos da CIC.

Por fim, diante de tudo o que foi mencionado neste item, reforça-se que, sendo a comunicação a dimensão que permite o diálogo, os vínculos, o relacionamento e as interações entre os sujeitos, a CIC assume um papel essencial nesse contexto de interculturalidade voltada aos estudos migratórios. O que compreendemos como comunicação intercultural está relacionado à “prática comunicacional não apenas na sua aceção instrumental de veiculação, transmissão e/ou representação, mas principalmente, em suas conotações de vinculação social, interação simbólica e produção subjetiva” (Escudero, 2019, p. 738).

Nesse contexto, a CIC busca a compreensão e o respeito aos valores, tradições e conhecimentos, desenvolvendo novos sentidos de convivência e união de encontro entre duas ou mais culturas. Nas palavras de Gonçalves (2020, p. 130): “A interculturalidade

8 Golpe militar de 11 de setembro de 1973, quando o presidente Salvador Allende foi assassinado e o ditador Augusto Pinochet tomou o poder.

9 Se eu não tivesse saído do Chile e ficado com a minha família, como os meus filhos teriam sido criados? Na pobreza moral, econômica e sem liberdade?

promove o reconhecimento da diversidade, permitindo construções, desconstruções, reconstruções, negociações de interações mais dinâmicas e flexíveis”.

Considerações finais

Procuramos neste trabalho demonstrar de que maneira a CIC emerge — a partir do conceito de interculturalidade — como um campo de estudo para os processos migratórios através da prática comunicacional e das mediações culturais e vinculativas aplicadas a diferentes situações, espaços e tempos socioculturais, buscando a compreensão da diversidade e dos protocolos envolvidos. Destacamos, assim, que seu exercício, materializado aqui em produtos sociocomunicacionais — teses acadêmicas, guias e documentos de políticas públicas, livros e produções cinematográficas — extrapola questões técnicas, científicas e sociais, potencializando uma transformação social com base nas interações e negociações das identidades culturais.

Como sugere Hall (2003), essa prática requer e gera o comunicar-se compreensivo, dialógico e emancipador. Pontos que, aplicados em diferentes situações, espaços e tempos socioculturais, vão de pleno encontro às propostas de vínculo comunicativo (Sodré, 2014) e de mediações culturais (Martín-Barbero, 1991). “É a prática cultural enquanto gramática simbólica para uma leitura do real” (ElHajji, 2023, p. 5).

Entendemos, dessa forma, que a CIC nos auxilia de diferentes maneiras na compreensão do momento atual, em uma busca que não se esgotará com a pesquisa acadêmica, uma vez que a prática científica da CIC requer a vivência no cotidiano. É por isso que a CIC nos permite olhar um outro universo comunicacional atentamente, na busca por pontos de convergência, aprendizados, resgate de saberes perdidos (antepassados, por exemplo) e compreensão de novidades.

Sabemos que deixamos fora desse artigo inúmeros conceitos correlatos e autores, não por falta de interesse neles, mas por uma questão de espaço e recorte. Esperamos que, a partir da leitura, novos olhares se somem aos nossos, e que juntos, nós, pesquisadores, possamos nos identificar e trocar descobertas, saberes, para permear uma leitura de mundo inclusiva, diversa e intercultural; ao mesmo tempo, para refletir a riqueza da cultura e das possibilidades de comunicação, e não limitar a sociedade em valores massificados, excludentes, manipulados, doutrinadores.

Referências

- Aguilera, C. F. F. (2019). *Pedaços de Vida — Un Viaje a la Memoria*. Edição do Autor.
- Alsina, M. R. (2004). Cuestionamientos, características y miradas de la interculturalidad. *Sphera Pública: Revista de Ciências Sociais y de la Comunicación*, (4), 53-67.

- Asunción-Lande, N. C. (1993). La Comunicación Intercultural. In C. F. Collado & G. L. Dahnke. *La condición humana*. Ciencia Social. Mc Graw Hill.
- Ávila, O. C. (2022). *Autoapresentação, Performatividade e Testemunho na Internet: a webdiáspora deslocada para a visibilidade do self migrante*. (tese de doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. https://www.pos.eco.ufrj.br/site/teses_dissertacoes_interna.php?tease=23. Acesso em: 12 dez. 2023.
- Bhabha, H. K. (1998). *O local da cultura*. UFMG.
- Bourdieu, P. (1983). *Questões de sociologia*. Marco Zero.
- Bourdieu, P. (1989). *O poder simbólico*. Difel.
- Brignol, L. D. (2018). "Tecnidade e identidades migrantes: contribuições de Martín-Barbero para pesquisas sobre migrações e usos sociais das mídias". *Intexto*, 43, 119-134. DOI: <https://doi.org/10.19132/1807-8583201843.119-134>
- Canclini, N. G. (2009). *Diferentes, Desiguais e Desconectados: mapas da interculturalidade*. UFRJ.
- Cogo, D. (2015). Comunicação e diversidade: cenários e possibilidades da Comunicação Intercultural em contextos organizacionais. In C. P. Moura e M. A. Ferrari (Orgs). *Comunicação, interculturalidade e organizações: faces e dimensões da contemporaneidade*. EDIPUCRS. p. 97-116.
- Cogo, D. (2017). Comunicação, migrações e gênero: famílias transnacionais, ativismos e usos de TICs. 177. *Intercom*, 40(1), 177-193. DOI: 10.1590/1809-58442017110
- Cogo, D., & Generali, S. (2023). Imigração venezuelana, fronteira e interculturalidade: uma análise das experiências de educadoras e educadores em escolas públicas de Boa Vista (Roraima). *REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 31(69), 91-108. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-85852503880006907>
- Durand, J.; Lussi, C. (2015). *Metodologia e Teorias no Estudo das Migrações*. Paco Editorial.
- ElHajji, M. (2005). Comunicação Intercultural: apontamento analíticos. *Contemporânea*, 3(1), 52-60.
- ElHajji, M. (2023a). *O Intercultural Migrante: teorias & análises*. Editora Fi.
- ElHajji, M. (2023b). Beyond integration: The role of philia in the migration experience of language teachers in Rio de Janeiro. *REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, 31(68), 149-164. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-85852503880006810>
- ElHajji, M., & Escudero, C. (2017). A contribuição da Comunicação para os estudos migratórios. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, 14(26), 1-15. Disponível em: <https://revista.pubalaic.org/index.php/alaic/article/view/416>. Acesso em: 8 mar. 2024.
- Escudero, C. (2017). *Comunidades em festa: a construção e expressão das identidades sociais e culturais do imigrante nas celebrações das origens*. (tese de doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Escudero, C. (2019). A voz da mulher imigrante no debate público sobre o 'Projeto pró-cesárea no SUS' em São Paulo a partir da perspectiva da comunicação intercultural. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, 13(4), 736-753. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v13i4.1850>

- Gonçalves, C. (2020). Mulheres entre culturas: afeto e interculturalidade no contexto das migrações transnacionais. (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Hall, S. (2003). A questão multicultural. In L. Sovik (Org.). *Da diáspora: identidades e medições culturais*. UFMG.
- Maffesoli, M. (2005). *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e sociedade*. Sulina.
- Maffesoli, M. (2015). Michel Maffesoli: "Não é mais o futuro que importa, e sim o presente". *Fronteiras do Pensamento*. Recuperado de: <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/michel-maffesoli-nao-e-mais-o-futuro-que-importa-e-sim-o-presente#:~:text=Michel%20Maffesoli%3A%20Fa%C3%A7o%20a%20hip%C3%B3tese,corresponde%20a%20uma%20ambi%C3%Aancia%20geral>.
- Martín-Barbero, J. (1991). *De los medios a las mediaciones – Comunicación, cultura e hegemonía*. Editorial Gustavo Gilli.
- Nigri, D. M. (2023). As memórias de um "lugar de memória": imagens e narrativas da Saara. (dissertação de mestrado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Oliveira, L. D. de (2024). Influenciadoras digitais nos EUA: mediações interseccionais em usos sociais de tecnologias por migrantes brasileiras. (tese de doutorado). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.
- Organização Internacional para Migrações [OIM] (2022). *Guia de Comunicação Intercultural*. OIM. https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/publicacoes/anexos/Guia_Comunicacao_Intercultural_0.pdf. Acesso em: 12 dez. 2023.
- Paraguaçu, F. (2017). *A menina que abraça o vento – a história de uma refugiada congolesa*. Vooinho.
- Ravanello, M. (2024). Ética e interculturalidade no tratamento midiático das migrações: da produção dos conteúdos à recepção dos migrantes. (dissertação de mestrado). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.
- Rother, E. T. (2007). *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), 17-18. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ape/a/z7zZ4Z4GwYV6FR7S9FHTByr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 30 abr. 2024.
- Sayad, A. (1998). *A imigração*. Edusp.
- Secretaria Municipal de Educação de São Paulo [SME-SP]. (2023). *Currículo da Cidade Povos Migrantes – Orientações Pedagógicas*. Coordenadoria Pedagógica – COPED. <https://acervodigital.sme.prefeitura.sp.gov.br/acervo/curriculo-da-cidade-povos-migrantes-orientacoes-pedagogicas/>. Acesso em: 12 dez 2023.
- Sodré, M. (2014). *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Vozes.
- Souza, C. A. N. de. (2023). Comida, comunicação e vinculação na construção de novas territorialidades. (tese de doutorado). Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. <https://www.bdt.uerj.br:8443/handle/1/21751> Acesso em: 12 dez. 2023.
- Vertovec, S. (2009). *Transnationalism*. Routledge.
- Walsh, C. E. (2012). Interculturalidad y (de)colonialidad: Perspectivas críticas y políticas. *Visão Global*, 15(1-2), 61-74.

Weissmann, L. (2018). Multiculturalidade, transculturalidade, interculturalidade. *Revista Construção Psicopedagógica*, 26(27), 21-36. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542018000100004.